

O QUE HÁ DE MAIOR

- O maior prejuízo — perder a minha alma.
- O maior ganho — Cristo meu Salvador.
- O maior objectivo — ganhar almas para Cristo.
- A maior alegria — a salvação que vem de Deus.
- A maior herança — o céu e sua glória.
- A maior vitória — sobre a morte, por Cristo.
- A maior negligência — o não atentar para tão grande salvação.
- O maior crime — rejeitar a Cristo.
- O maior negócio — perder tudo para ganhar a Cristo.
- O maior lucro — A piedade no presente e para todo o sempre.
- A mais profunda paz — A que excede todo o entendimento.
- O mais profundo conhecimento — conhecer a Deus e a Cristo.

SUMÁRIO

Campanha das Missões
Arvorando a Bandeira da
Mensagem nas Cidades
Para uma Filosofia Adventista
da Música
História do Mês
Através do Mundo Adventista
Que é um Camporee nos
Estados Unidos
Notícias do Campo
S. O. S. Nicarágua
Breves Notícias da Divisão

REVISTA ADVENTISTA

Publicação mensal

ABRIL DE 1973

ANO XXXIV

N.º 319

Director:

ERNESTO FERREIRA

Administrador:

JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLANTICO

S. A. R. L.

Redacção:

R. JOAQUIM BONIFACIO, 17
L I S B O A

Administração:

RUA JOAQUIM DIAS SOUSA
RIBEIRO, LOTE 18, 1.º
S A C A V E M

TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.

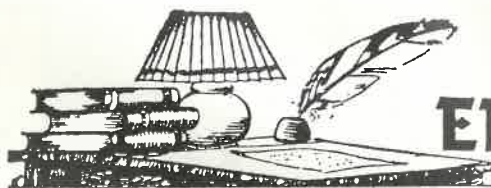
Composto e impresso na

Alam. D. Af. Henriques, 1-C — Lisboa

Assinatura anual: 40\$00

Estrangeiro (ex-
cepto Brasil e Es-
panha): 55\$00

Número avulso 4\$00



Página
EDITORIAL

Campanha das MISSÕES

A Campanha das Missões constitui, desde longa data, uma das actividades características da Igreja Adventista.

Em primeiro lugar, oferecemos a oportunidade de sairmos do nosso círculo restrito de crenças, e de contactarmos com todas as camadas sociais, levando-lhes o conhecimento do que cremos e do que estamos fazendo. Escrevia E. G. White em 1914: «Um dos novos planos para nos aproximarmos dos incrédulos é a Campanha das Missões. Em muitos lugares, durante os anos passados, ele se tem demonstrado um sucesso, trazendo bênçãos a muitos, aumentando também a afluência de meios ao tesouro da missão. Ao serem os estranhos à nossa fé informados dos progressos da terceira mensagem angélica nos países pagãos, suas simpatias se têm despertado, e muitos têm desejado conhecer mais da verdade que tanto poder tem para transformar corações e vidas. Têm sido alcançados homens e mulheres de todas as classes, e o nome do Senhor tem sido glorificado.» — Serviço Cristão, pág. 167.

Ao mesmo tempo que levamos aos outros o conhecimento da Igreja Adventista, é assim dada a oportunidade de muitos colaborarem, com os seus recursos, para o avanço da causa de Deus. A Campanha das Missões desempenha, com efeito, um papel importante no financiamento do trabalho missionário em todo o Mundo.

Além disso, ao entregarmos-nos às actividades da Campanha das Missões, nós próprios somos beneficiados. A nossa fé fortalece-se ao termos a consciência de estarmos fazendo algo para o Senhor e ao termos a oportuni-

dade de falar aos outros acerca da nossa fé e ao verificarmos a reacção favorável de muitos.

A Campanha de 1973 vai ser particularmente difícil. As revisitas, devido à aplicação da recente Lei da Imprensa, não puderam ser publicadas na data habitual. Tivemos de aguardar dois longos meses pela autorização da sua aplicação. Para cúmulo, houve um lamentável atraso no fornecimento do papel.

Como consequência, não foi possível iniciar as actividades no princípio de Abril, de acordo com o nosso calendário. Teremos de as iniciar já em Junho. Começa o tempo a aquecer, começam as pessoas a dispersar-se.

Mesmo assim, estamos certos de que todos faremos com entusiasmo a nossa parte. Com toda a igreja ao trabalho, conseguiremos levar a cabo, dentro de pouco tempo, esta importante tarefa.

«Consagremo-nos primeiramente Aquele cujo nome desejamos exaltar. Oremos também fervorosamente em favor daqueles que esperamos visitar, trazendo-os um a um à presença de Deus, com uma fé viva. O Senhor conhece os pensamentos e propósitos do homem, e quão facilmente Ele nos pode enternecer o coração! Como Seu Espírito, qual um fogo, pode submeter o coração empedernido! Como Ele pode encher a alma de amor e ternura! Como nos pode dar as graças do Seu Espírito, e habilitar-nos para entrar e sair, no trabalho em prol das almas!» — Ibidem, pág. 169.

Que, apesar do involuntário atraso, a Campanha deste ano constitua mais uma vitória para o avanço da Causa de Deus!

E. Ferreira

Arvorando a Bandeira da Mensagem nas Cidades

por
E. G. White

Há uma obra a ser feita em todas as nossas cidades, e aqueles que ainda andam e trabalham humildemente com Deus, esforçando-se diariamente para serem vencedores, obterão dia a dia vitórias preciosas. A obra feita com humildade terá as credenciais divinas. Ocultemo-nos em Deus. O que vejo muito claramente é a necessidade de os homens e as mulheres serem unidos na realização da obra que precisa ser feita em nossas cidades.

Agora é o tempo de fazermos decididos esforços para despertar as pessoas que jamais foram advertidas. Muita atenção e esforço têm sido dispensados à página impressa. Isto está certo; se, porém, se enviassem mais esforços para enviar o missionário em pessoa para pregar a verdade, muitas outras almas poderiam ser despertadas e ganhas para a verdade.

É plano do Senhor que os médicos bem versados na verdade bíblica se unam aos ministros que trabalham nas cidades e ajudem a dar como um todo a harmoniosa mensagem de advertência que deve ser comunicada ao mundo. A apresentação dos princípios da Bíblia por um médico inteligente terá grande peso para muitas pessoas. Há eficácia e poder naquele que pode combinar em sua influência a obra do médico e a do ministro do evangelho. Sua obra se recomenda ao bom discernimento das pessoas.

Estou preocupada pelo facto de tantas coisas ocuparem a mente de nossos médicos que os conservam afastados da obra que Deus desejaria que fizessem como evangelistas. De acordo com a luz que Deus me concedeu, sei que o pregador, consagrado e devotado, e que sabe pôr sua confiança em Deus, é grandemente necessário. Necessitamos de uma centena de obreiros onde temos apenas um. Há uma grande obra a ser feita antes que a oposição satânica obstrua o caminho, e percamos nossas oportunidades presentes para trabalhar. O tempo está passando rapidamente. Nossas publicações são numerosas; o Senhor, porém, apela a homens e mulheres de nossas igrejas que possuam discernimento para empenhar-se em genuína obra missionária. Que com toda a humildade exercitem os talentos que lhes foram dados por Deus proclamando a mensagem que deve alcançar o mundo neste tempo.

A importância de fazermos progresso nas grandes cidades ainda se conserva diante de mim. Por muitos anos tem o Senhor es-

tado a insistir connosco sobre este dever, e contudo não vemos senão comparativamente pouco executado em nossos grandes centros populacionais. Se não levarmos avante esta obra de determinada forma, Satanás multiplicará dificuldades que não será fácil superar. Estamos muito aquém na execução da obra que deveria ter sido feita nas cidades tão longamente negligenciadas. O trabalho agora será mais difícil do que teria sido uns poucos anos atrás. Mas se levarmos avante a obra no nome do Senhor, barreiras serão derribadas e obteremos vitórias decisivas.

São necessários nessa obra, médicos e ministros do evangelho. Devemos insistir em nossas petições ao Senhor e fazer o melhor possível, investindo com toda a energia possível para fazer uma brecha nas grandes cidades. Tivéssemos seguido os planos do Senhor no passado, muitas luzes que se estão extinguindo estariam brilhando resplendentemente.

Juntamente com as verdades espirituais, devemos apresentar também o que a Palavra de Deus diz quanto à questão da saúde e temperança. Devemos esforçar-nos de toda a maneira possível para levar as almas ao convincente e convertedor poder de Deus. Os fiéis de nossas igrejas precisam ser despertados para fazer sua parte. Que se indiquem ocasiões de oração, e busquemos insistentemente ao Senhor em favor de um aumento de fé e coragem. Que os ministros e os outros membros da igreja trabalhem em prol das almas como nunca dantes. Não devemos gastar nosso tempo meramente repetindo sempre as mesmas coisas às igrejas onde a verdade é bem conhecida. Que os membros da igreja trabalhem unidos em seus vários ramos para despertar algum interesse. Os discípulos de Cristo devem unir-se no trabalho em favor das almas que perecem. Que os obreiros convidem outros a se unirem com eles em seus esforços, para que muitos possam ser inflamados com zelo para trabalhar pelo Mestre.

Apelo aos membros da igreja em cada cidade para que se apeguem ao Senhor com determinado empenho em favor do baptismo do Espírito Santo. Estai certos de que Satanás não está dormindo. Ele porá todo o obstáculo possível no caminho daqueles que desejam fazer progresso nesta obra. Muitas vezes esses obstáculos são considerados intransponíveis. Convertam-se todos completa e verdadeiramente, e depois lancem mão da obra inteligentemente e com fé.

Para uma Filosofia Adventista da Música

A fim de evitar a tempo que os membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia sejam afectados pelos aspectos nocivos de algumas expressões musicais contemporâneas e possam ter pleno conhecimento dos princípios gerais preconizados pela Igreja no domínio da música, foi, no Conselho de Outono da Conferência Geral, realizado de 14 a 29 de Outubro de 1972, votada a resolução que passamos a transcrever:

Votado, adoptar as seguintes directrizes para uma filosofia adventista da música:

A Igreja Adventista do Sétimo Dia veio à existência em cumprimento da profecia para ser instrumento de Deus na proclamação mundial das Boas Novas da salvação pela fé no sacrifício expiatório do Filho de Deus e da obediência aos Seus mandamentos em preparação para a volta de nosso Senhor. As vidas dos que aceitam esta responsabilidade devem ser tão distintivas como a sua mensagem. Isto reclama uma dedicação total de cada membro de igreja aos ideais e objectivos da Igreja. Tal dedicação afectará cada departamento da vida de igreja, e certamente influenciará a música usada pela Igreja no cumprimento da comissão que lhe foi atribuída por Deus.

A música é um dos grandes dons de Deus ao homem e é um dos mais importantes elementos num programa espiritual. É um meio de comunicação com Deus, e «é um dos meios mais eficazes para impressionar o coração com as verdades espirituais». — *Educação*, pág. 67. Tendo que ver com assuntos de consequências eternas, é essencial que o tremendo poder da música seja conservado em mente com clareza. Tem o poder de elevar ou degradar; pode ser usada no serviço do bem ou do mal. «Tem poder para subjugar as naturezas rudes e incultas; poder para suscitar pensamentos e despertar simpatia, para promover a harmonia de acção e banir a tristeza e os maus pensamentos, os quais destroem o ânimo e debilitam o esforço». — *Ibidem*.

Os que, portanto, seleccionam música para os propósitos distintivos desta Igreja devem exercitar um alto grau de discriminação na sua escolha e no seu uso. Em seus esforços para atingir estes ideais, é necessária mais do que sabedoria humana. E se procurarmos uma orientação na revelação

divina, são-nos revelados os seguintes princípios gerais:

A música deve:

1. Glorificar a Deus e ajudar-nos a adorar-O duma maneira aceitável. (1 Cor. 10:31.)

2. Enobrecer, elevar e purificar os pensamentos do cristão. (Fil. 4:8; *Patriarcas e Profetas*, pág. 637).

3. Influenciar positivamente o cristão no desenvolvimento do carácter de Cristo em sua vida e na dos outros. (Manuscrito 57, 1906.)

4. Ter um texto que esteja em harmonia com os ensinamentos escriturísticos da Igreja. (*Review and Herald*, 6 de Junho de 1912.)

5. Revelar uma compatibilidade entre a mensagem transmitida pelas palavras e a música, evitando uma mistura do sagrado e do profano.

6. Evitar que seja teatral e exibicionista. (*Evangelismo*, pág. 137; *Review and Herald*, 30 de Novembro de 1900.)

7. Dar precedência à mensagem do texto, que não deve ser dominado pelos elementos musicais que o acompanham. (*Obreiros Evangélicos*, págs. 352, 353).

8. Manter um judicioso equilíbrio dos elementos emocionais, intelectuais e espirituais. (*Review and Herald*, 14 de Novembro de 1899.)

9. Nunca comprometer os elevados princípios de dignidade e excelência sob o pretexto de procurar atingir as pessoas onde elas se encontram. (*Testimonies*, vol. 9, pág. 143; *Evangelismo*, pág. 137.)

10. Ser apropriada para o ocasião, o ambiente e o auditório a que se destina. (*Evangelismo*, págs. 507, 508.)

Há muito de espiritualmente construtivo e religiosamente válido na música dos vários grupos culturais e étnicos; os gostos e práticas musicais de todos eles devem, porém, conformar-se com os valores universais de carácter cristão e integrar-se no espírito e no propósito do evangelho que, acima da uniformidade, visa a unidade. Deve ser exercido todo o cuidado para que, na música, se evitem valores mundanos alheios aos elevados ideais da fé cristã.

Os princípios acima apresentados servirão como directrizes práticas na escolha e uso da música para as mais variadas necessidades da igreja. Certas formas musicais, tais como o «jazz», o «rock» e as formas

híbridas com elas relacionadas, são consideradas pela Igreja como incompatíveis com estes princípios. As pessoas responsáveis envolvidas no conjunto das actividades musicais da Igreja, quer como dirigentes quer como executantes, encontrarão pouca dificuldade na aplicação destes princípios a alguns casos. Outros casos serão muito mais complexos e por isso é apresentada em seguida uma discussão pormenorizada dos factores em causa.

I. MÚSICA RELIGIOSA

Música no Culto

O culto deve ser a primária e eterna actividade da humanidade. O mais elevado fim do homem é glorificar a Deus. Quando o adorador vai à casa de Deus oferecer um sacrifício de louvor, que o faça com a melhor música possível. É essencial que cada elemento musical do culto seja cuidadosamente planeado de maneira que cada membro da congregação seja levado a ser um participante e não apenas um expectador.

Os cânticos usados no culto devem ser dirigidos a Deus, salientando o louvor e utilizando os grandes hinos que recebemos por herança. Devem ter a melodia e a letra dignamente adaptadas ao objectivo em vista. O pastor deve interessar-se vivamente por elevar a qualidade e fervor do canto da congregação. «Raras vezes, porém, deve o cântico ser entoado por uns poucos.» — *Conselhos sobre Saúde*, pág. 481. A experiência cristã será imensamente enriquecida pela aprendizagem e uso de novos hinos.

Onde haja um grupo coral, enriquecerão o culto e ajudarão a elevar a sua qualidade significativos coros escolhidos de compositores do passado e do presente, cantados por músicos dedicados e bem preparados.

A música instrumental, incluindo o órgão e o piano, deve harmonizar-se com os elevados ideais de culto, e ser escolhida cuidadosamente entre o que haja de melhor dentro da capacidade e treino do executante. O instrumentalista responsável por acompanhar o canto da congregação tem uma responsabilidade especialmente grande em apresentar o recto padrão em todas as suas contribuições, quer se trate de prelúdios ou poslúdios, ofertórios ou outras músicas *ad libitum*, ou do acompanhamento de hinos. Ele está numa posição única para elevar o nível da música do culto na sua igreja. Se no culto houver solos vocais ou outra música especial, deve dar-se preferência a peças com textos bíblicos e com música que esteja dentro dos limites da capacidade do cantor, e

devem ser apresentados ao Senhor sem ostentação de exibicionismo vocal. A comunicação da mensagem deve ser o objectivo supremo.

Música no Evangelismo

A música usada no evangelismo pode também incluir música evangelística ou música de testemunho; mas não deve estar em conflito com os elevados princípios de dignidade e excelência característicos da nossa mensagem de preparação de um povo para a segunda vinda de Cristo.

A música escolhida deve:

1. Conduzir o ouvinte para Jesus, como sendo o Caminho, a Verdade e a Vida.

2. Preparar o caminho para a apresentação da mensagem da Palavra de Deus ou continuar o seu apelo, provocando uma resposta por parte dos ouvintes.

3. Ser tocada e cantada por pessoas cujas vidas estejam de acordo com a mensagem que transmitem.

4. Ser um veículo para a profunda impressão da verdade bíblica que inspirará uma positiva mudança na vida.

5. Ser apresentada de uma maneira cuidadosamente planeada e ordenada.

6. Ser simples e melodiosa, e apresentada sem salientar a ostentação pessoal.

7. Dar precedência à pregação da Palavra tanto em ênfase como no tempo a ela destinado.

8. Manter um apelo equilibrado à emoção e ao intelecto, e não apenas encantar os sentidos.

9. Ser compreensível e significativa no conteúdo e no estilo para o maior número possível de ouvintes.

Música no Evangelismo dos Jovens para os Jovens

No campo do testemunho dos jovens, têm aplicação a maior parte das sugestões acima mencionadas. Necessita também de ser dada consideração a certos aspectos que são peculiares a este domínio.

Os jovens têm a tendência a identificar-se intimamente com a música da jovem cultura contemporânea. O desejo de atingir com o Evangelho de Cristo os jovens onde se encontram leva por vezes ao emprego de certas expressões musicais discutíveis. Em todas essas expressões, o elemento que traz mais problema é o ritmo.

De todos os elementos musicais, o ritmo evoca a mais forte resposta física. Os maiores êxitos de Satanás têm muitas vezes sido

alcançados pelo seu apelo à natureza física. Mostrando viva consciência dos perigos oferecidos por esta espécie de aproximação da juventude, Ellen G. White disse: «Eles têm um apurado ouvido para a música, e Satanás sabe que órgãos excitar, para animar, excitar, adormecer e encantar a mente de maneira que Cristo não seja desejado. Tornam-se ausentes os anseios espirituais da alma em busca de conhecimento divino e de um crescimento na graça.» — *Testimonies*, vol. 1, pág. 497. Esta é uma forte denúncia da maneira como a música pode ser usada em directa oposição ao plano de Deus. O «jazz», o «rock» e as correspondentes formas híbridas, a que atrás se fez referência, são bem conhecidos como provocadores desta resposta sensual nas massas populares.

Por outro lado, temos muitas expressões musicais folclóricas tradicionais que têm sido respeitadas como ramos legítimos da corrente musical. Algumas delas são aceitáveis como veículos para expressar o testemunho cristão. Outras, que podem encontrar aceitação numa atmosfera secular cristã, não seriam apropriadas para levar o nome do Salvador. Ainda outras podem cair completamente fora da experiência cristã. Deve pois tornar-se claro que cada forma de expressão musical folclórica deve ser julgada pelos mesmos princípios gerais aplicados a todos os outros tipos discutidos neste documento.

«Mais elevado do que o sumo pensamento humano pode atingir, é o ideal de Deus para com Seus filhos.» — *Educação*, pág. 18. Os que visam este alto ideal e dirigem o testemunho dos jovens encontrarão guia ao estudarem a música com oração e com a ajuda do Espírito Santo.

Além do problema do ritmo, outros factores afectam as qualidades espirituais da música:

Tratamento vocal — O estilo rouquenho comum ao «rock», o estilo sugestivo, sentimental, aspirado, lânguido do cantor de clube nocturno, e outras distorsões da voz humana devem ser evitados.

Tratamento Harmónico — Deve ser evitada a música que seja saturada com as cordas 7.^a, 9.^a, 11.^a e 13.^a bem como as outras sonoridades de características sensuais lânguidas. Essas cordas, quando usadas com moderação, produzem beleza, mas quando usadas em excesso distraem da verdadeira qualidade espiritual do texto.

Apresentação visual — Tudo o que chame indevida atenção para o ou os executantes como excessivo e afectado movimento corpóreo ou vestuário impróprio, não deve ter lugar no testemunho.

Amplificação — Deve ser exercido grande cuidado para evitar excessiva amplificação instrumental e vocal. Ao amplificar a música deve haver uma sensibilidade com relação às necessidades espirituais dos que dão o testemunho e dos que o recebem. Deve dar-se cuidadosa consideração à selecção de instrumentos para amplificação.

Entretenimento — O objectivo primário na execução de toda a música sacra deve ser exaltar a Cristo de preferência a exaltar o músico ou a entreter o público.

Música no Lar

1. A educação e apreciação musical deve começar cedo na vida da criança, através dos seguintes meios:

a) A introdução dos grandes hinos e cânticos evangélicos na feliz experiência informal do culto familiar.

b) O estabelecimento de correctos hábitos de audição por meio de aparelhos que forneçam música cuidadosamente seleccionada.

c) Assistência com a família a concertos musicais que obedeçam aos padrões reconhecidos neste documento.

d) O consistente exemplo e influência dos pais.

2. Devem ser encorajados o canto em família e a participação de conjuntos de música instrumental em família.

3. Podem ser encorajadas experiências em escrever a letra e compor a música de cânticos.

4. Devia ser criada uma biblioteca musical doméstica de materiais sabiamente seleccionados.

5. Deve reconhecer-se que Satanás está empenhado numa batalha pela conquista da mente e que podem imperceptivelmente ser efectuadas mudanças sobre a mente para alterar percepções e valores para bem e para mal. Extremo cuidado deve portanto ser exercido no tipo de programação e música ouvidos na rádio e televisão, especialmente evitando tudo que seja vulgar, sedutor, barato, imoral, teatral e identificável com correntes de contra-cultura.

Música na Escola

1. Ao preparar e apresentar música para funções religiosas, os administradores e professores das escolas devem trabalhar com os alunos de uma maneira que apoie os padrões musicais da Igreja.

2. Grupos musicais de testemunho e folclore que saem das escolas deviam receber

patrocínio e orientação de pessoas nomeadas pela administração, quer se trate de professores de música quer de outras pessoas.

3. Os directores de estações de rádio funcionando em escolas adventistas do sétimo dia e as pessoas responsáveis pela selecção de música apresentada em programas institucionais através de estações não adventistas devem escolher música que esteja em conformidade com a filosofia da música expressa neste documento.

4. Os professores de música em conjuntos escolares e em actividades docentes privadas devem fazer positivos esforços para ensinar literatura musical que possa ser usada na igreja e em actividades evangelísticas.

5. Sendo um dos objectivos básicos dos cursos escolares de apreciação de música ensinar a discriminação à luz da revelação divina, instam-se os instrutores dessas classes a todos os níveis educacionais a que incluam informação na arte de fazer juízos de valor qualitativo no domínio da música religiosa.

6. A igreja e a conferência locais devem esforçar-se por preencher o fosso cultural. Para esse fim, pessoal musical das escolas devidamente habilitado deve ser usado na educação e actividades musicais de maneira que os elevados ideais do culto sejam efectivamente promovidos.

7. As apresentações musicais em instituições educacionais adventistas do sétimo dia devem estar em harmonia com os padrões da Igreja. Isto aplica-se tanto aos talentos locais como a artistas visitantes, a conjuntos e à música em filmes de entretenimento.

II. MÚSICA SECULAR

A música «correctamente empregada, é um dom precioso de Deus, destinado a erguer os pensamentos a coisas altas e nobres, a inspirar e elevar a alma». — *Educação*, pág. 166.

O estilo de vida adventista do sétimo dia exige que o cristão individual exerça um alto grau de discriminação e de responsabilidade individual na selecção da música secular para uso pessoal, solos, ou execução em grupo. Toda essa música deve ser avaliada à luz da instrução dada em Filipenses 4:8: «Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai.» Deve também ser tida em mente

a advertência dada por Ellen G. White em *Testimonies to the Church*, vol. 1, pág. 497:

«Foi-me mostrado que os jovens devem assumir uma posição mais elevada, e fazer da Palavra de Deus o seu conselheiro e guia. Repousam sobre os jovens responsabilidades solenes, para as quais olham levianamente. A introdução da música em seus lares, em vez de incitar à santidade e espiritualidade, tem sido o meio de apartar da verdade as suas mentes. Canções frívolas e a música popular do dia parecem corresponder ao seu gosto. Os instrumentos de música têm tomado tempo que devia ter sido consagrado à oração. A música, quando dela se não abusa, é uma grande bênção; mas quando mal usada, constitui uma terrível maldição.»

O cristão nada cantará que seja incompatível com os ideais de verdade, honestidade e pureza. Evitará elementos que dêem a aparência de tornar desejável o mal ou de minimizar a bondade. Procurará evitar composições que contenham fraseologia vulgar, poesia pobre, banalidade, sentimentalidade ou frivolidade que aparte dos conselhos e ensinamentos das Escrituras e do Espírito de Profecia.

Considerará a música de «blues», «jazz», de expressão «rock» e outras formas semelhantes como inimigas do desenvolvimento do carácter cristão, porquanto abre a mente a pensamentos impuros e conduz a um comportamento insantificado. Tal música tem uma relação íntima com o carácter condescendente da sociedade contemporânea. A distorção do ritmo, da melodia e harmonia tal como é empregada por esses estilos e a sua excessiva amplificação embota a sensibilidade e eventualmente destrói o apreço pelo que é bom e santo.

Deve exercer-se cuidado ao adaptar uma música secular a uma letra religiosa de maneira que a conotação profana da música não tenha mais peso do que a mensagem do texto. Além disso, o cristão de bom discernimento, ao seleccionar, para ouvir ou executar, qualquer música secular que não esteja incluída nas categorias indicadas, sujeitará tal música à prova das directrizes apresentadas nos princípios gerais preconizados nesta Filosofia da Música.

O verdadeiro cristão é apto para testemunhar aos outros pela sua escolha da música secular para ocasiões seculares. Por investigação diligente e cuidadosa selecção, procurará o tipo de música que seja compatível com as suas necessidades sociais e os seus princípios cristãos.

«Deve haver uma ligação viva com Deus em oração, uma ligação viva com Deus em cânticos de louvor e acções de graças.» — E. G. White, *Carta 96*, 1898.

Não há lugar



O encarregado da quinta da Missão de Russangu estava apreensivo quanto à plantação de milho, pois em pleno mês de Março o céu estava limpo e não havia perspectiva de chuva.

«Se não chover em breve», murmurava para consigo, «a colheita vai ser muito fraca».

Era sem dúvida um problema. Daquela plantação viria o milho para a alimentação de centenas de rapazes alunos da escola. Aquele verão fora excepcionalmente seco; as chuvas tinham desaparecido completamente após caírem em escassa quantidade.

Os dias quentes continuaram, e não havia sinais de chuva. Os alunos saíram para o campo tentando colher o pouco que estava em condições; mas quando regressaram, os celeiros, que geralmente ficavam cheios, não chegavam a ter metade da sua capacidade.

Quando a crise se tornou insuportável, foi enviada uma carta ao director da Associação pedindo-lhe que fosse considerado um auxílio especial para fazer face à alimentação dos alunos na escola. O Pastor N. C. Wilson respondeu amavelmente mas teve de salientar que não era possível reunir fundos para tal emergência.

«Há duas maneiras de resolver o problema», lembrou o sr. Willmore, encarregado da quinta. «Ou funcionamos normalmente durante três meses o programa escolar, com todos os alunos que a escola pode comportar, e depois fechamos para o resto do ano, ou enviamos metade dos alunos para casa, e continuamos com os restantes durante um semestre inteiro».

O director chamou os professores e apresentou-lhes o problema. Durante alguns minutos os professores não foram capazes de falar. Estavam desanimados. Depois começaram a debater o assunto, e a reunião alargou-se por mais de uma hora. Finalmente foi decidido enviar metade dos alunos para casa e continuar o ano lectivo com os restantes durante um semestre inteiro.

Foi uma decisão difícil de tomar, mas os professores teriam de enfrentar uma outra ainda mais difícil. Teriam de tomar a lista dos alunos e escolher os nomes dos que de-

veriam ser enviados para suas casas. O director entregou a lista com os nomes dos alunos aos professores. Começando pelo princípio, consideraram cada nome em separado. Por vezes os membros do conselho não estavam de acordo quanto aos méritos dos rapazes em questão.

«Ayub é um bom rapaz no dormitório; ajuda-me a manter a ordem», dizia o preceptor.

«Ensinei o Marko a ocupar-se da instalação eléctrica, e posso afirmar que não é trabalho fácil». Isso dizia o responsável pela quinta.

«Não, por favor, não mandem embora o Azwela», pedia o professor da quarta classe. «Ele é o melhor aluno da aula».

E assim sucessivamente. O tempo escoava-se rapidamente, e só por acaso o director mencionava um nome de aluno acerca do qual todos os membros do conselho estavam de acordo em mandar para casa.

«Yakob Hanatuba», leu o director da missão, ao chegar ao fim da lista.

«Creio que o poderemos dispensar», disse o encarregado da quinta. «É um dos rapazes mais preguiçosos que temos».

«Haverá mais paz no dormitório se ele se for embora», acrescentou o preceptor.

«Que tal é ele como aluno?» perguntou o director da missão.

«É um dos piores», respondeu Samuel Chilumba, professor dele.

«Bom. Risquem-no então», disse o director; e uma dúzia de lápis retiraram o nome de Yakob Hanatuba da lista dos que ficariam na escola.

Às dez e meia da manhã seguinte, após terem feito os trabalhos preliminares e terem tomado o pequeno almoço, os rapazes reuniram-se na capela para a meditação matinal. O director da missão dirigiu-se vagarosamente para o local. Ele temia levar para a frente a responsabilidade que lhe pesava naquele momento, mas não havia outro remédio. Depois de cantarem o hino de abertura, e de ter sido lido um texto da Bíblia e feita a oração, levantou-se e em poucas palavras apresentou o problema da escola por causa da seca e das colheitas. Afirmou então que o conselho escolar tinha

decidido enviar metade dos alunos para suas casas, durante o resto do ano.

«Vou agora ler os nomes dos que deverão partir. Haverá duas listas. Os alunos da primeira lista poderão regressar no próximo ano. Terão apenas de trazer metade do dinheiro da escolaridade. Os alunos da segunda lista não poderão regressar».

A medida que o missionário lia os nomes, podia ler a ansiedade e o temor nas faces dos rapazes. Quando determinado nome era mencionado, a face de um rapaz escondia-se coberta por duas mãos desesperadas. Muitos rapazes saíram da capela em lágrimas, mesmo sem esperar pela leitura dos restantes nomes. Lentamente se dirigiam para o dormitório a fim de fazer a mala (que cabia dentro de um lenço, por vezes), e antes do sol atingir o meio-dia já estavam a caminho das suas aldeias, perto ou distantes.

A leitura da segunda lista causou muito mais consternação que a primeira. Perto do fim foi lido o nome de Yakob. Ele já começava a pensar que o seu nome se encontrava na lista dos que permaneceriam, mas não. Saiu da capela e foi para o dormitório, onde pôs os seus haveres numa pequena caixa, dirigindo-se em seguida para a estrada rumo a casa.

Já não poderia voltar! Já não poderia voltar! Estas palavras penetravam-lhe como fogo no coração. Mas foi com uma sensação de alívio que a maioria dos professores o viu sair da escola. Não o voltariam a ver, mas também a sua falta não seria notada.

Passaram seis meses. A escola fechou para as férias, e os rapazes dispersaram para as suas casas.

Uma noite, mesmo antes do pôr-do-sol aproximou-se da missão um carro, do qual saiu um missionário ligado a outra denominação religiosa. «Será possível passar a noite nesta missão?» Perguntou. Ele preferia passar uma noite com amigos cristãos do que se misturar com outras pessoas no hotel de Monze.

Escusado será dizer que ele foi bem-vindo. Após uma refeição simples e o culto, reuniu-se com a família do director da missão na sala de visitas, contando-lhes a sua experiência de vinte e cinco anos na Rodésia.

Durante uma pausa na sua narrativa, o senhor Fell, tal era o seu nome, voltou-se para o director da missão e acidentalmente afirmou: «Nunca pensei que tivesse crentes no distrito de Kazemba».

«Pois não», replicou o nosso missionário, «não temos ali igreja nem mesmo qualquer lugar de reunião».

«Isso foi o que pensei», respondeu o senhor Fell, «mas ao passar pela aldeia de

Kumasi, há alguns dias, encontrei-me com um grupo de membros vossos».

«Deve estar enganado. Trata-se com certeza de outro grupo».

«É impossível. Sei quando se trata de Adventistas do Sétimo Dia quando os vejo. Falei com eles durante alguns minutos e descobri que guardam o sábado. Além disso, cantam os mesmos hinos que os vossos rapazes».

«Isso é muito estranho!» notou o director da missão. «Não posso imaginar quem são essas pessoas com quem se encontrou».

O serão continuou durante mais alguns momentos após o que se separaram. Na manhã seguinte o missionário Fell prosseguiu viagem.

A curiosidade do director da missão tinha sido despertada. Alguns dias mais tarde o pastor Wilson, director da missão da Rodésia do Norte, visitou Rusangu, e o pastor Robinson contou-lhe acerca da conversa que tinha tido com o senhor Fell.

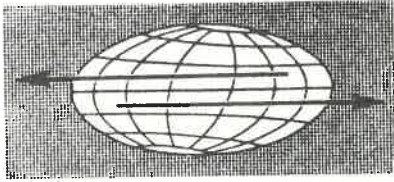
«Porque não vamos investigar?» Sugeriu o pastor Wilson. «Chegaremos lá em dois dias, se formos de carro. Talvez encontremos uma surpresa».

E assim foi decidido. Escusado será dizer que antes de chegarem à aldeia de Kumasi, já as notícias tinham voado, levadas pelo misterioso telégrafo africano de tan-tans.

Ao se aproximarem da aldeia, os dois ministros ficaram admirados ao constatar um grupo de homens, mulheres e crianças que vinha ao seu encontro, e mais surpreendidos ficaram quando os ouviram cantar «Jesus breve virá» na língua Chitonga. Os missionários trocaram olhares excitados. Não havia dúvida, este grupo era Adventista! Mas tinha ele sido formado, a tantos quilómetros da escola adventista? Foi então que pela primeira vez notaram a pessoa que dirigia o grupo. Nada mais nada menos que Yakob Hanatuba!

Os missionários saltaram do carro e saudaram o povo e Yakob. A história foi breve. Esta era a aldeia de Yakob. Ele tinha voltado e com a ajuda do seu manual ensinou o povo acerca de tudo o que conhecia sobre a sua nova fé. Os missionários deram uma vista de olhos pela aldeia. Estava limpa e bem cuidada. Não havia porcos como nas outras aldeias gentias. Os velhos não fumavam cachimbo. As mulheres já não tinham braceletes nos seus braços. Dirigiram-se então para uma nova construção, que era o local onde os crentes se reuniam sábado de manhã. E não foi sem emoção que viram Yakob trazer-lhes o dízimo que os novos crentes traziam. O rapaz que tinha apren-

(Continua na pág. 13)



Através do MUNDO ADVENTISTA

BRASIL

O Departamento dos Missionários Voluntários da Conferência do Rio Minas, com a sede no Rio de Janeiro, organizou o primeiro acampamento no Brasil para surdos-mudos, de 9 a 14 de Janeiro. A direcção esteve a cargo de António Cardoso Jr., diplomado pelo Colégio de Gallaudet, em Washington, em 1972. Ele próprio é surdo-mudo. Cardoso é um missionário voluntário que veio expressamente ao Brasil a fim de iniciar este tipo de trabalho na Igreja Adventista do Sétimo Dia.

D. H. Beach

COLOMBIA

Um adventista de Barranquilla, na Colombia, que se encontrava à morte vítima de cancro, encontra-se restabelecido, cré, como resultado da oração.

Senen Mutis, obreiro leigo e membro da igreja del Valle, fumava e bebia muito antes de se tornar um adventista.

Cerca de quatro anos após receber a mensagem começou a sentir dificuldades na respiração. Quando constatou que os medicamentos não o aliviavam foi a um especialista que o enviou para um centro de concerosos. Ali recebeu tratamento, mas pouco tempo depois foi informado que não havia esperança para ele. Tinha um tumor maligno da laringe em estado adiantado.

Tais notícias constituíram um choque imenso para o nosso irmão Mutis, que começou a preparar-se para morrer. Os irmãos da igreja levaram então a efeito reuniões de oração especiais em seu favor. Este facto fortaleceu muito a sua fé. Pouco depois perdeu a voz. Quando tal aconteceu, não deixou de fazer trabalho missionário. Pediu um projector emprestado e diapositivos e começou a dar estudos bíblicos com um gravador.

Passaram-se semanas, e o seu sofrimento tornou-se tão intenso que não podia suportar mais. Contudo a sua fé permanecia forte. A dor aumentou. Finalmente nem mesmo podia ingerir líquidos. No dia 22 de Dezembro de 1972 sentiu algo na garganta.

Constatou que já não tinha nada nela. Sentiu-se completamente restabelecido e é um poderoso testemunho do poder de Deus.

C. V. Henriquez

LIBÉRIA

Um Plano de Cinco Dias para Deixar de Fumar foi levado a efeito em Monrovia, na Libéria, há algum tempo. O Dr. William R. Tolbert, presidente da República da Libéria, interessou-se pela sua organização e propaganda, permitindo que a rádio e outros meios fossem largamente utilizados neste sentido alertando os 100 000 habitantes da cidade.

O plano foi dirigido em Monrovia pelo Dr. William Wagner, secretário associado do Departamento Médico da Conferência Geral, aproveitando a sua visita a este país.

Cento e cinquenta pessoas participaram do plano, que além da presença do Dr. Wagner, teve ainda a assistência de D. Myers, presidente da Missão da Libéria, e do Dr. J. D. Henriksen, secretário da Temperança da Divisão



Dr. William R. Tolbert, presidente da República da Libéria, que há 25 anos prometeu a Deus não mais fumar nem beber. Tem cumprido fielmente a sua promessa.

Norte Europeia. Foi feito um inquérito na primeira reunião, que revelou que no total as pessoas presentes consumiam 1 700 cigarros por dia. Na quinta noite, foi relatado que nenhum cigarro tinha sido fumado nesse dia por ninguém do grupo participante.

Os oradores foram recebidos em audiência pelo Presidente Tolbert, tendo Sua Excelência exprimido a sua gratidão pelo serviço prestado à comunidade. Ele próprio testemunhou que após uma doença grave, tinha prometido a Deus nunca mais fumar nem beber. Desde então tem cumprido a promessa. Foi-lhe oferecido um exemplar da «Ciência do Bom Viver».

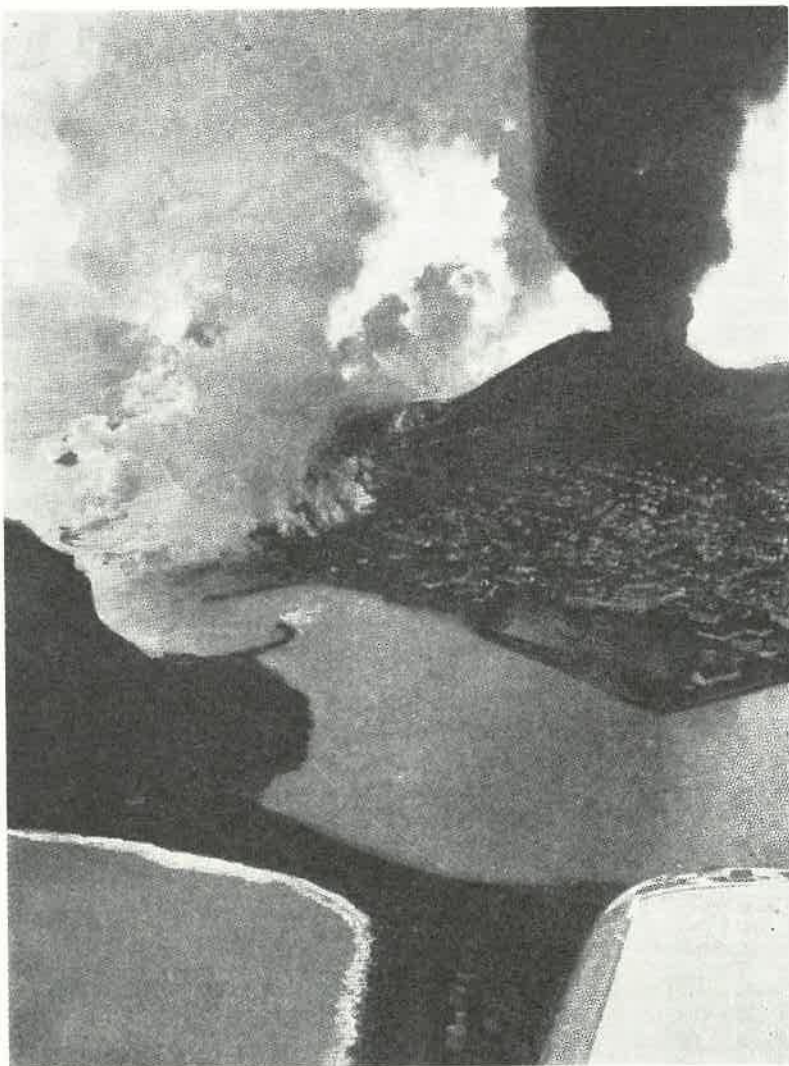
J. D. Henriksen

ISLÂNDIA

No dia 23 de Janeiro, pelas duas horas da manhã, teve lugar a erupção de um vulcão em Heimaey, que quer dizer Ilha do Lar, a maior das Ilhas Westman, a cerca de dez quilómetros da costa sudoeste da Islândia. Uma fenda de cerca de dois quilómetros abriu na ilha, a cerca de um quilómetro da maior e mais importante cidade piscatória da Islândia. Antes da erupção, esta cidade tinha uma população de 5 500 habitantes. Um muro de fogo com cerca de mil metros de extensão cercava a cidade. A cinza vulcânica subiu a sete mil metros.

A cratera vulcânica, chamada Helgafell, está situada acima da cidade. Os geólogos afirmavam que o vulcão estava morto, pois segundo a sua estimativa, não dera sinais nos passados sete mil anos. Agora, pelas vertentes a lava era vomitada em grande quantidade, ameaçando os habitantes da cidade. Felizmente que uma espécie de desfiladeiro entre a cidade e o vulcão impediu que a lava atingisse a área mais populosa.

Quatro horas após a primeira erupção toda a população foi evacuada em aviões, helicópteros e barcos de pesca. Felizmente uma tempestade que assolou a área no dia precedente à erupção impediu que a maior parte dos barcos de pesca saíssem para o alto mar. Assim uma grande



O Vulcão Helgafell apresenta um dramático quadro

parte da população foi evacuada em cerca de cem barcos para o porto mais próximo, a cerca de quatro horas de caminho. As pessoas idosas e os doentes foram evacuados em aviões e helicópteros.

Uma outra coincidência feliz foi o facto de a direcção do vento na altura da erupção soprar em direcção contrária. Desta maneira a lava não atingiu a cidade enquanto a população era evacuada. Todavia um dia depois o vento mudou e em poucas horas a lava cobriu toda a cidade. Toda aquela área foi completamente submersa. Mais de cem casas e edifícios ruiam sob o peso dos detritos vulcânicos ou incendiaram-se com a lava incandescente atirada pelas explosões vulcânicas.

Quando foram dadas ordens para que fosse retirado tudo o que fosse portátil, S. B. Johansen, presidente da Conferência da Islândia, juntamente com três

obreiros, dirigiram-se para a ilha a fim de zelar pela propriedade da igreja e ajudar os membros. A nossa segunda maior igreja da Islândia fica ali situada e tem 68 membros. Foi fundada há 48 anos e tem sempre sido uma igreja activa e forte, com membros dedicados. Dela saíram já muitos obreiros e dirigentes dedicados. Tem uma escola de igreja com 40 crianças. A igreja tem também uma forte sociedade de Dorcas.

Foi um quadro triste aquele que se nos deparou ao chegarmos à cidade de Heimaey. A outrora bela cidade com os seus magníficos arredores estava completamente negra. Lava negra cobria-a em toda a sua extensão. Grande parte da cidade estava soterrada. Fez-nos lembrar a descrição que leramos de Pompeia.

O nosso edifício de igreja foi muito danificado. As janelas que dão para o lado do vulcão foram quebradas. Muitos detritos en-

traram pelas aberturas das janelas. A lava incandescente deixou buracos em muitos locais. Pareceu-nos que só um milagre poderia impedir que a igreja ficasse irremediavelmente danificada. O peso das matérias vomitadas pelo vulcão era grande sobre o telhado da igreja. Com pás procurámos tirar o máximo impedindo assim que o tecto pudesse ruir. Presentemente o edifício está praticamente livre de perigo. Mas como o vento poderia ainda mudar e mais lava incandescente seria um perigo constante, achámos por bem remover tudo o que fosse de valor da igreja e da escola.

A fim de impedir uma catástrofe maior, foram organizadas pelo governo equipas de socorro. Estas pregaram folhas metálicas nas janelas, e continuaram a impedir que o peso dos detritos sobre os telhados fizesse perigar a estrutura dos edifícios.

Ninguém sabe o futuro da cidade da Ilha Westman. A situação apresenta-se-nos grave. Duas semanas após o começo das erupções, o próprio porto está ameaçado. O futuro da cidade dependerá do prolongamento de tal situação. Pode durar dias, meses ou mesmo anos.

A nossa igreja na Islândia ofereceu ajuda em vários aspectos. Os habitantes da cidade atingida tiveram de abandonar os seus lares tão precipitadamente que nem mesmo o vestuário de primeira necessidade levaram. A nossa sociedade de beneficência arranjou roupa para mais de duas mil pessoas. A nossa escola principal, na Islândia, Hlidardalskoli, fica perto do porto para onde as pessoas eram trazidas. Muitas receberam ali ajuda e conforto. Os nossos obreiros encontravam-se em centros de Reykjavik a fim de receber os membros da igreja. O Divisão enviou igualmente socorro pelo que estamos gratos. O mesmo fizeram os países escandinavos. Mas a maior necessidade do momento é a reconstrução do edifício e o restabelecimento da normalidade. Levará vários meses antes que tudo possa estar calmo. A propriedade ficará de tal maneira destruída que serão necessários muitos fundos e muito esforço para que volte a normalidade. Mas sabemos que os Adventistas farão a sua parte.

Apesar da gravidade da situação, os habitantes estão gratos porque não houve perda de vidas. Os nossos irmãos e irmãs encontram-se animados. Confiam que o Senhor os ajudará nesta difícil experiência.

S. B. Johansen

(Continua na pág. 18)

Que é um Camporee nos Estados Unidos

por Leo Ranzolin,
Secretário-Associado do Dep. dos M.V.
da Conf. Geral

Se há algo que fascina os juvenis é um acampamento. Desde que surgiram os desbravadores em 1950, nada há que substitua a aventura de um acampamento.

A ideia de *camporees* surgiu nos Estados Unidos na metade da década de 50. O que os escuteiros chamam *jamboree*, transformou-se em *camporee* para os desbravadores, o grande exército de juvenis da Igreja Adventista ao redor do mundo. Com quase 60 mil desbravadores e três mil acampamentos, este exército marcha para grandes conquistas na década actual.

Em 191 tivemos o privilégio de participar em diversos *amporees* de desbravadores nos Estados Unidos. O primeiro foi à beira do lago Herman, na cidade de Madison, em Dakota do Sul. Dirigidos pelos Pastor Clark Willison, secretário MV da União Norte dos Estados Unidos, mais de 400 desbravadores acamparam vindos dos Estados de Minnesota, Dakota do Sul, Dakota do Norte e Iowa. Em geral, os acampamentos iniciam-se sexta-feira à noite e estendem-se até domingo ao meio dia. Naturalmente, o primeiro dia é cheio de actividades, e todos correm de uma parte para outra montando suas tendas, preparando a comida e aprontando-se para as actividades do Sábado. Cada clube é responsável pelo seu grupo, e provê alimentação para todos. Cada um por si e os directores por todos, orientando e instruindo.

A fogueira é sempre um lugar de atracção. Lindos corinhos, músicas especiais, solos, duetos e a tão almejada história! Junto com as faíscas e chamas o coração dos desbravadores se aquece de ternura e satisfação.

O Sábado foi cheio de actividades. A Escola Sabatina toda dramatizada contou a história da queda de Adão e Eva e a nova esperança na semente que surgiria na pessoa do nosso Salvador. O sermão focalizou a segunda vinda de Cristo, e ficámos surpreendidos com as partes visuais apresentadas pelos desbravadores para ilustrá-lo.

À tarde saímos para uma caminhada. Resultado: os desbravadores acharam uma dúzia de cobras, sapos, folhas e uma imensidade de curiosidades naturais. Todo o programa MV girou em torno dos objectos encontrados, mesclados de músicas e corinhos especiais, que nos elevaram às alturas.

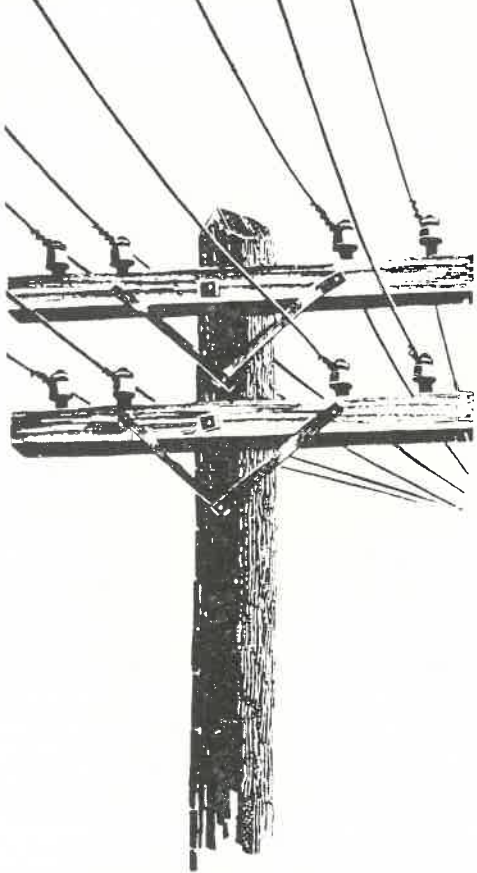
De noite tudo foi mais festivo, e um programa cómico foi apresentado, não fugindo, porém, do espírito que deve reinar num acampamento de juvenis adventistas.

Finalmente, domingo pela manhã os desbravadores prepararam-se para apresentar as suas habilidades. O *camporee* é justamente o clímax das actividades do ano. Todos aguardam com ansiedade o momento em que os clubes demonstram suas qualidades. Gostámos do espírito que reinou, e cremos que assim deveria ser sempre. Não foi escolhido apenas um clube. Cada clube poderia tirar o primeiro lugar desde que alcançasse os pontos que se baseavam na disciplina do acampamento, na ordem e asseio pessoal e das tendas, na participação nas actividades espirituais, e, naturalmente, nos eventos que constaram de lançamentos de javelins, ordem unida, amarração de nós, corridas, individuais ou em grupos, bater pregos com a maior rapidez, etc. Quando os resultados foram proclamados, todos ficaram satisfeitos, e dispostos a fazer melhor neste ano.

O *camporee* da União da Colúmbia reuniu mil desbravadores, e foi realizado num parque nacional da Guerra Civil, o *Antietam Battle Field*, em Hagerstown, Maryland. Sendo que tenho dois desbravadores na família, partimos juntos para o grande evento. Dormimos num *teepee* (tenda de índios em forma piramidal) que era aquecida por uma pequena fogueira acesa no seu interior. Os índios eram realmente espertos. Com esse tipo de tenda tinham ar condicionado e em circulação dentro da tenda. O fumo do fogo é todo expelido por uma abertura na parte superior da barraca. A primeira noite estava terrivelmente fria. O Pastor Eric Were, que esteve no primeiro congresso sul-americano de jovens, contou lindas histórias.

A escola Sabatina foi diferente do acampamento da União Norte. Os desbravadores foram reunidos por Estados, e depois jun-

NOTÍCIAS DO CAMPO



Samuel F. Monnier

No dia 2 de Março, chegou o Pastor Samuel F. Monnier, presidente da União Sul-Europeia, a fim de dirigir a campanha de MISSÃO 73 na igreja do Porto.

Oswald Bremer

No mesmo dia, chegou de Berne o Pastor O. Bremer, secretário-associado da Divisão Euro-Africana, que veio dirigir MISSÃO 73 em Coimbra.

Américo Rodrigues

Acompanhado de sua esposa, no dia 30 de Março chegou a Lisboa, vindo de Angola, o Pastor Américo Rodrigues, missionário naquele Estado.

Dr. Roy B. Parsons

A caminho para os Estados Unidos, em 1 de Abril passou por Lisboa, vindo de Angola, o Dr. Roy B. Parsons, que era acompanhado de sua Esposa.

C. L. Powers

Na sua viagem de regresso de Angola para a Suíça, passou por Lisboa, em 4 de Abril, o Pastor

C. L. Powers, presidente da Divisão Euro-Africana, que aproveitou a oportunidade para visitar alguns terrenos, com vista à futura escola secundária da Associação.

ODIVELAS

Falar de MISSÃO 73 não é aludir a uma ocorrência como mero acontecimento que, como tantos outros, legássemos ao passado com um suspiro de alívio. Antes — e não é de mais repeti-lo — trata-se do acontecimento mais transcendente e impar da história da nossa igreja e, por que não dizê-lo, dos anais do cristianismo. Quando é que se viu que num tão curto espaço de tempo tantas cidades e vilas despreocupadas tivessem sido alertadas para o maior acontecimento a ter lugar nos nossos dias?

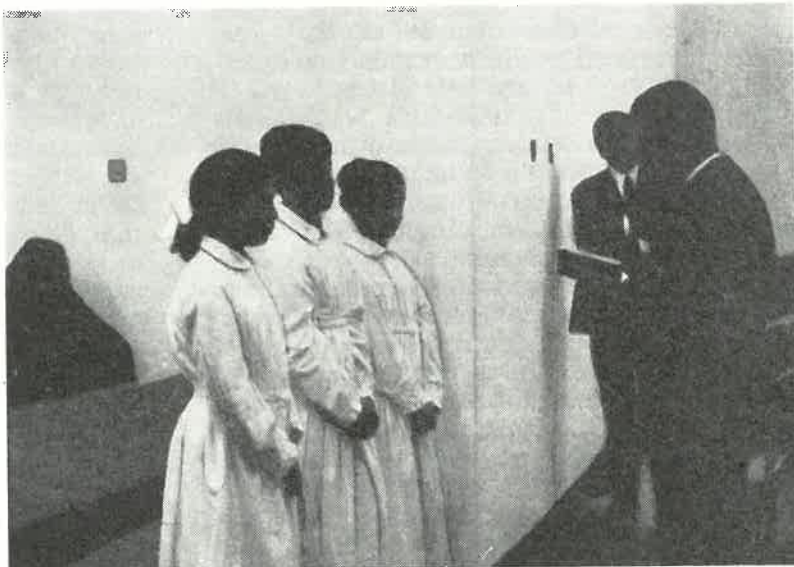
Se tão somente os homens pudessem ter-se apercebido do repeto que por meio de MISSÃO 73 Deus lhes lançou, e que, semelhante ao dos dias do profeta Ezequiel, lhes dizia: «Eu te envio ... às nações rebeldes ... obstinados de coração ... e eles, quer ouçam quer deixem de ouvir, hão-de saber que esteve no meio deles um profeta ...! Mas tu lhes dirás as Minhas palavras.»

Que maravilhoso foi, na verdade, ver tudo isto cumprido em MISSÃO 73! Primeiro vivemos nós as mensagens à medida que as preparávamos antes de anunciá-las aos ouvintes.

Os dias e as horas que antecederam este acontecimento foram sem dúvida para os participantes de expectativa e de «sus-pense». Quão pequenos e insuficientes nos sentíamos ante uma tarefa de tamanha envergadura, para a qual os preparativos tão insuficientes foram em tantos aspectos.

Um membro desta igreja dizia um dia antes da primeira reunião: «Eu creio que depois de tanta publicidade: cartazes nas paredes, nas montras, programas aos milhares distribuídos nas ruas e nas casas, convites individuais a amigos e vizinhos, e já antes o «Plano de 5 dias para deixar de fumar», que tanto êxito alcançou e tantos amigos nos ajudou a grangear, é impossível que esta casa se não encha a deitar por fora de forma a encher o largo fronteiro à sala de reuniões».

Por aquilo que se passou aqui e pelo que sabemos pelas estatísticas que nos chegaram, embora não haja muita razão de queixa no capítulo de média de assistência de membros e de visitas,



Odivelas — Os candidatos ao baptismo



Odivelas — O grupo coral

tudo ficou muito aquém da nossa expectativa. O esforço de MISSÃO 73 levou-nos a constatar que, para o mundo actual, o Céu não é, de facto, o objecto primordial das cogitações dos homens. Segundo a ordem do Mestre, «muitos» foram realmente «chamados», mas poucos se importam de estar entre «os escolhidos».

Apesar de tudo, MISSÃO 73 foi, sem sombra de dúvida e para já, um acontecimento positivo. E no que nos concerne, assim o declaram os factos: 27 reuniões realizadas, assistência média de presenças 62 (algumas vezes a sala cheia), média de visitas 22 (máxima num dia 38), 19 pessoas responderam ao último apelo, e 3 jovens foram baptizados no último dia. O coro da igreja e alguns irmãos em solos e duetos, deram a sua colaboração em todas as reuniões.

MISSÃO 73 mal tinha terminado e já uma certa nostalgia nos invadia a nós que nela demos tudo por tudo, e a alguns irmãos e visitas que nos diziam: «Que pena que tenha terminado já!»

Pedro Brito Ribeiro

GENERAL ROÇADAS

A série de reuniões levadas a efeito no decurso da MISSÃO 73 tiveram uma influência positiva quer no seio da igreja quer entre aqueles que a elas assistiram. Na verdade só é possível explicar a assiduidade constante sem precedentes pela interferência do poder de Deus. Os hinos incluídos na separata preparada pela

Associação foram avidamente cantados cada noite, nos vinte minutos que precederam a conferência propriamente dita. Na última noite foi inaugurado o baptistério no salão principal da igreja, e cremos que para o futuro cerimónias análogas terão outra solenidade e inspiração, pelo menos o mesmo êxito desta a que fizemos alusão. Cinco novas irmãs selaram o seu pacto com o Mestre, e pelo facto estamos gratos ao Senhor. Embora um bom número de almas tenha manifestado espontaneamente o seu desejo de se unir à igreja pelo baptismo num tempo próximo, o problema do sábado mostra-se complicado em muitos casos. Oramos e pedimos as vossas orações para que possamos ver

muitas vitórias neste sentido ainda este ano, para que o poder de Satanás seja diminuído e para que o reino do Senhor venha em breve.

T. Ferreira

SANTARÉM

Os resultados obtidos durante este grande empreendimento evangelístico foram muito positivos e animadores para o presente e para o futuro da igreja scalabitana.

Primeiramente, MISSÃO 73 foi uma bênção para todos os membros. Eles próprios sentiram, depois de uma prolongada mentalização, que seriam os primeiros a beneficiarem de toda a Campanha e como um só homem, a exemplo do que aconteceu com o povo, respondendo ao apelo de Neemias, dispuseram-se a consagrarem tempo, meios e talentos para o que havia a realizar. Assim aconteceu, de facto.

Entre outros, segundo as instruções recebidas do exterior, procuravam pôr em prática um plano simples de contactar com pessoas das suas relações quotidianas: amigos, familiares, vizinhos, fornecedores; e para não haver omissões, fixavam uma lista de pessoas. Esses contactos fizeram-se regularmente, os convites foram-se renovando e assim pudemos ver, cada noite, um bom número de visitas presentes nas conferências. Mais de 50 visitantes estiveram connosco, uns com mais assiduidade, outros com menos, mantendo-se uma média de 20 nos fins de semana, o que supera em muito o número de



General Roçadas — Membros recém-baptizados

crentes na cidade, que são apenas 8; e em relação aos membros de toda a comunidade(31), a percentagem cifrou-se em 70 %.

Isto quer dizer que a maioria deslocou-se de longe, alguns vindos de dezenas de quilómetros de distância. Temos um jovem casal, perto de S. João da Ribeira, a 24 Km de Santarém, que para não faltar uma só vez, percorreu cerca de 1 250 quilómetros durante as 25 noites. O marido, trabalhando longe de casa, ainda arranjava disposição para conduzir e fazer os quase 50 quilómetros, trazendo o carro sempre cheio de crentes ou interessados e nas vésperas de concluirmos, dizia um tanto pesaroso: «Que pena isto estar a terminar!»

Dezenas de pessoas se levantaram, no decurso das reuniões, aos apelos feitos, dezanove das quais fizeram uma decisão com Deus na reunião final, preparando-se para uma nova experiência religiosa. Estavam presentes 27 visitas e a sala encontrava-se literalmente cheia, terminando da melhor maneira este abençoado Esforço de Evangelização. Muitas das pessoas recebem já estudos bíblicos e seguem, simultaneamente, «A Bíblia Responde»; outras aguardam o baptismo.

A imprensa local, referiu-se às nossas actividades com extensas notícias pormenorizando a programação, bem como o *Diário de Notícias* no local dos acontecimentos referentes a Santarém.

Paulo Tito Falcão

PORTO

É com muito prazer que vimos até vós, prezados leitores de *Revista Adventista*, dar-vos notícias de algumas actividades da Igreja do Porto no corrente ano.

Na semana que precedeu o início de «MISSÃO 73» teve lugar no salão de nossa Igreja um curso do Plano de 5 dias para deixar de fumar. Contámos nesse curso com a colaboração do Pastor Sandoval Melim, Dr. António Sacramento Lopes Oliveira, de Canelas, e Pastor Francisco Caetano, a quem mais uma vez agradecemos.

Embora não se tivesse registado tão grande número de presenças como no curso efectuado no ano passado, graças a Deus obtivemos resultados positivos e satisfatórios, pois alguns ex-fumadores assistiram às reuniões «Ao Encontro da Vida» e continuam interessados na mensagem.

Durante 50 horas consecutivas, desde o pôr-do-sol de sexta-feira até à hora de se iniciar a 1.ª reunião da série «Ao Encontro

da Vida» foi levada a efeito, por turnos de membros de Igreja, jovens e adultos, uma vigília de oração, pedindo ao Senhor que abençoasse as almas que viriam e que derramasse o Seu Espírito sobre nós. Há já alguns meses que o grupo de oração se reunia regularmente e agora, depois de terminadas as reuniões de «Missão 73», continua a reunir-se aos sábados à tarde. Durante as conferências, todas as noites, este grupo esteve em acção a partir das 20,30 horas.

Esteve connosco, durante o mês de Março, o Pastor Samuel Monnier, presidente da União Sul-Europeia, que foi o conferencista deste esforço. O seu entusiasmo, experiência e carinho contribuíram em parte para prender as almas noite após noite. Por meio destas linhas quero agradecer mais uma vez ao Pastor Monnier a sua valiosa colaboração.

Durante esse mês de reuniões muitas foram as bênçãos que o Senhor concedeu aos Seus filhos e pudemos realizar 3 cerimónias baptismais. Entre os novos membros contam-se alguns da nova Sala de Matosinhos e uma senhora que começou a vir à igreja com o seu marido durante o curso para deixar de fumar realizado no ano passado.

Houve o cuidado de elucidar as visitas não só acerca do baptismo mas também acerca da cerimónia do Lava Pés e Santa Ceia, que se realizou durante «Missão 73».

Por uma feliz coincidência também tivemos, no dia 25 de Março, o casamento dos jovens Ana Rosa

de Oliveira e Manuel Garrido. Aqui abrimos um parêntesis para desejar ao novo casal, que dentro em breve partirá para um Seminário a fim de se preparar para a obra de Deus, as maiores bênçãos do Céu para o seu lar.

As salas das crianças foram convenientemente enfeitadas a fim de proporcionar um ambiente acolhedor, e pela graça de Deus contámos com a presença de um razoável número de amiguinhos que vieram ouvir falar de Jesus, cantar e fazer os seus tão apreciados trabalhos manuais.

Aos três apelos feitos, 119 visitas responderam e desejam preparar-se para o baptismo. Feitas as médias tivemos 164 membros de Igreja, 136 visitas e 48 crianças presentes.

Presentemente temos em funcionamento 3 classes baptismais, uma para juvenis e duas para adultos e jovens, ao sábado à tarde e ao domingo de manhã.

Quando os irmãos lerem este artigo, deve estar a terminar «Missão 73» na nova sala de Matosinhos.

Dormindo no Senhor

Com 89 anos de idade, faleceu, na sua residência em Figueira de Castelo Rodrigo, o irmão Tenente-Coronel António Cabral e Castro Falcão de Mendonça. A viúva, nossa irmã Maria das Dores, apresentamos os nossos sentimentos, com a esperança de um dia reaver seu esposo e com ele viver na eternidade.

Fernando Garcia Mendes



Aspecto frontal da igreja de Vila Nova

CANELAS

No dia 4 de Março, depois de termos feito tudo o que estava ao nosso alcance, todos nos perguntávamos: «Teremos visitas em nossa igreja?» Isto era apenas uma interrogação, mas alguns irmãos estavam convencidos de que MISSÃO 73 não resultaria na nossa igreja. Para buscar o poder do Alto, todos os irmãos participaram, em 3 de Março, no jejum e oração. Foi uma experiência extraordinária, tendo-se todos os irmãos unido, suplicando a manifestação de Deus em nome de Jesus. As horas passaram-se rapidamente e logo após chegaram as 20 horas e 45 minutos do dia 4 de Março. Chegaram os primeiros irmãos, e também algumas visitas. A reunião seguiu-se e depois de alguns hinos de louvor ao Senhor foram apresentados alguns diapositivos. Tivemos o prazer de ver muitas visitas que pela primeira vez entravam no templo adventista de Canelas. Ficámos radiantes de alegria, receando no entanto que o número de visitas não se mantivesse até ao fim de Março. Mas os dias sucederam-se e vimos, para honra e glória de Deus, o número de visitas aumentar, e daqui para a frente começam as experiências aliadas à Missão 73.

Noite após noite, mãos se erguiam respondendo ao chamado ou apelo que lhes era dirigido, querendo dizer que desejavam vencer todos os problemas de sua vida com a ajuda de Jesus, e ao mesmo tempo vencer seus pecados e falhas.

Tivemos algumas visitas que se interessaram em saber mais da Palavra de Deus. Entre elas encontrava-se a Direcção da J.O.C. da igreja católica de Canelas. O director da J.O.C. disse-me que agora os seus pensamentos acerca dos adventistas já não se baseavam no que lhe diziam, pois não correspondia à verdade.

Surgiram algumas perguntas, tais como: «A vossa Bíblia não é igual à nossa?» «Vós não aceitais a Virgem Maria?» Depois de terem presenciado uma reunião social, disseram: «Os adventistas são um povo com todos os recursos necessários a um jovem».

Devo dizer neste momento que toda a Direcção, incluindo o director da J.O.C., estão matriculados na nossa classe bíblica, que funciona ao Domingo, e estão seguindo «A Bíblia Responde».

Uma família que conhece a Mensagem há mais de vinte anos por intermédio do nosso irmão ancião veio pela primeira vez

ao nosso templo e deseja ser visitada por nós.

Logo a seguir a MISSÃO 73 tivemos mais cinco dias de reuniões com o «Plano de Cinco Dias para Deixar de Fumar». Todos os fumadores que assistiram à MISSÃO 73 foram convidados, assim como outros mais, através dos jornais e de folhas volantes. Como nossa assistência foi constituída por jovens, que todos fumavam, incluindo os jocistas, é-nos grato constatar que todos eles deixaram de fumar. Todos declararam desejar preparar-se para se encontrarem com Jesus e ter a vida eterna.

Foi sem dúvida para nós, pastores e irmãos consagrados, uma grande oportunidade de nos reconsagrarmos ao Senhor e ao Seu serviço, para que cheios do poder do Espírito Santo possamos terminar a tarefa e Jesus venha em breve.

Francisco Caetano

AVEIRO

O Sábado dia 10 de Março foi um dia particularmente festivo para as congregações de Aveiro: — Recebemos a visita do Pastor Samuel Monnier, que, como sabemos, está dirigindo a União Sul-Europeia.

O Pastor Monnier chegou a Aveiro na manhã do referido Sá-

bado tendo dirigido o Culto na Igreja desta cidade. Aqui, nosso Irmão dissertou acerca da necessidade do crescimento espiritual na vida do crente e terminou por fazer um apelo, primeiramente aos crentes, tendo em vista uma maior consagração, e, depois, aos visitantes, com o objectivo de aceitarem a Cristo e se decidirem pelo baptismo. Foi bastante animador ver o gesto pronto dos crentes e o número crescente de visitas que se manifestaram em favor da Verdade.

Da parte da tarde dirigimo-nos primeiramente a Vila Nova de Monsarros e depois a Sangalhos.

Em Vila Nova vivemos uma hora de extraordinária vibração e santo entusiasmo. Após tantos anos de expectativa, tornou-se realidade o velho anseio dos crentes daquela terra: — terem a sua própria Igreja. E foi um dia feliz. Embora não se tratasse da Dedicção do pequeno Templo — essa bela cerimónia terá lugar um pouco mais tarde — quisémos receber ali o nosso visitante e, desta forma, o povo congregou-se em elevado número para assistir à primeira reunião naquela nova Igreja. Mais de uma centena de pessoas comprimia-se para a reunião. Cantámos o hino «Ao Deus de Abraão louvai». E orámos. Então, o Pastor Monnier, tomou a palavra repleto de entusiasmo e vigor espiritual, lançando a boa semente no coração de todo o povo que ali, se congregou. Finalmente, foi o apelo.



O povo de Vila Nova acorreu em elevado número à nova Igreja da sua terra.



Saudações fraternais no final daquela tarde festiva.

Um apelo difícil. Sentia-se uma elevada emoção espiritual na Casa do Senhor. As pessoas que ali estavam conheciam-se bem. Estavam-se olhando uma às outras para ver como cada uma reagiria. Havia católicos, evangélicos, incrédulos, alguns ex-perseguidores da Mensagem nos tempos heróicos do passado. Várias mãos se foram levantando em resposta ao apelo, e uma senhora conseguiu ser suficientemente forte para vir junto à tribuna, de onde foi feita uma prece por todos quantos se tinham manifestado a favor da Mensagem.

Valeu a pena ter estado em Vila Nova naquela tarde de 10 de Março. Mesmo depois do Culto continuava a respirar-se um ar de franca alegria. Como foi animador escutar os cânticos e as saudações, ver os sorrisos e a satisfação no rosto daquelas pessoas, e sentir o poder do amor de Deus. Mas impunha-se deixar Vila Nova. Outro lugar estava à nossa frente. E partimos.

Cerca de uns quinze minutos depois encontrávamo-nos em Sangalhos onde teve lugar a reunião na nossa pequena comunidade. Na tribuna, o Pastor Monnier começou por dizer que tinha sabido, com bastante prazer, a maneira como a Mensagem Adventista tinha chegado àquela localidade e que louvava a Deus pelo ânimo dispensado ao nosso Ir. António Santiago para, na construção da sua casa, edificar também um lugar para o Culto público. Durante a sua pregação o Ir. Monnier falou sobre a urgência de espalhar o Evangelho

e na necessidade de ficarmos firmes na Fé de Jesus.

Aqui, terminou a visita do Pastor Monnier ao distrito de Aveiro. Recordamos com satisfação este belo dia e fazemos os melhores votos para que esta visita tenha constituído uma bênção para todos os membros e amigos destas igrejas e que estas notícias possam trazer alegria ao coração dos nossos leitores.

J. M. de Matos

Rene Quispe



À saída do culto na igreja de Sangalhos.

ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

(Continuação da pág. 11)

ARGENTINA

Um rapaz argentino de doze anos de idade, juntamente com um amigo da mesma idade, tem conseguido manter uma assistência de adultos, pregando acerca da salvação que vem através de Jesus e acerca da Sua segunda vinda, na cidade de Bragado, na Argentina.

Dois meses depois de Guilherme Giorgetti ter sido baptizado, começou a pregar em termos simples a mensagem do amor e da volta de Cristo. Colaborando com ele está Claudio Soria. A fim de reunir tantas pessoas quanto seja possível, Guilherme escolhe datas em que há festas nacionais, como por exemplo na semana santa e no dia de finados. Nestes dias os seus ouvintes são predominantemente católicos romanos.

Claudio ajuda o Guilherme a manejar o projector e a dirigir os cânticos. Guilherme faz apelos diários às pessoas, convidando-as a vir às reuniões na igreja. Como resultado da sua pregação, dois adultos e duas crianças frequentam agora a igreja. Cerca de vinte pessoas assistem às reuniões dos dois rapazes, feitas numa cozinha. Guilherme deseja ser um pastor.

S. O. S. NICARÁGUA!

No princípio deste ano, todos fomos abalados ao saber que Manágua, capital da Nicarágua, tinha sido quase inteiramente destruída por um terrível terremoto. Nossa Divisão não ficou insensível a esse drama. Fez chegar uma soma de 5 000 dólares ao Socorro Adventista da Divisão Inter-Americana.

Nossos irmãos e irmãs de Espanha, como pais voando em socorro de um de seus filhos (a Nicarágua foi uma terra espanhola), reuniram espontaneamente 100 000 pesetas, que foram enviadas, 50 000 pela Cruz Vermelha Espanhola à Cruz Vermelha da Nicarágua, e 50 000 ao «Socorro Adventista» da Nicarágua, ao cuidado da nossa igreja.

O Irmão Carlos Aeschlimann, presidente da União da América Central, transmite-nos as seguintes notícias, que não deixarão de vos interessar:

«Acabo de regressar de Manágua. Dificilmente poderia esquecer o que vi e ouvi. Por um lado, a espantosa destruição e, por outro, a extraordinária bondade de Deus estendendo a Sua protecção sobre os Seus filhos.

«Manágua era uma cidade de 400 000 habitantes. Actualmente está 80 % destruída. Jamais nos será possível conhecer o número exacto dos mortos. As informações variam, são da ordem dos 7 a 25 000. Os hospitais locais foram destruídos e os doentes e feridos são tratados em hospitais de campanha oferecidos pelos Estados Unidos, a França e outros países. Todo o centro da cidade deverá ser dinamitado. Actualmente já não vivem em Manágua mais de cerca de 50 000 pessoas.

«Manágua contava 500 membros e era a sede da nossa Missão local. Tínhamos ali duas escolas, uma livreria e três templos. Os escritórios da Missão, o templo principal e uma das escolas ficaram completamente destruídos. Um segundo templo, de uma capacidade de trezentos lugares, ficou inutilizado. Todos os obreiros da nossa Missão perderam a sua casa e os seus bens. O secretário do Departamento de Publicações não pôde fugir senão com um par de calças debaixo dos braços e uma de nossas secretárias de escritório não se reencontrou após o sismo senão com o vestuário que trazia sobre si. A maior parte dos nossos irmãos e irmãs perderam tudo. Duzentos já se transferiram e vivem nas cidades

e aldeias do interior, mas não sabemos exactamente onde se encontram. Os trezentos que permaneceram no local vivem em tendas ou em barracas. São regularmente alimentados pelos cuidados do «Socorro Adventista». Teremos pois de reconstruir os nossos escritórios, a nossa livreria, os nossos três templos e as nossas duas escolas. Será também necessário realojar as nossas famílias adventistas.

«É maravilhoso verificar de que maneira Deus cumpre as Suas promessas e designadamente a que vem mencionada no Salmo 91, versículo 7. Penso que o maior milagre é o facto de nenhum membro de igreja ter perdido a vida no curso do desastre. Alguns irmãos ficaram ligeiramente feridos. Nenhum obreiro sofreu a menor beliscadura. Considerando as habitações desmoronadas de nossos irmãos e irmãs, posso compreender quão grande foi a misericórdia divina para com o Seu povo. O Pastor W. H. Walle, secretário da nossa União, morava em Manágua. Chegou à cidade algumas horas antes do sismo. Quando a terra se pôs a tremer, ele quis correr para o pátio com a sua esposa. Três vezes consecutivas foram projectados por terra. Quando finalmente conseguiram deixar a casa, deram-se conta de que os muros do pátio tinham caído e cobriam completamente a superfície deste. Deus os tinha poupado a uma morte terrível.

«Um jovem casal despertou e descobriu que a sua casa se tinha aberto em duas e que as duas partes tinham caído para o exterior deixando-os sãos e salvos no meio de uma casa sem paredes. Precipitaram-se à procura do seu pequeno filho de um ano sepultado sob os escombros. O pai em lágrimas clamou a Deus e nas trevas tentou abrir uma passagem. Descobriu finalmente a criança sem uma beliscadura, protegida por um barrote que tinha presa a si parte de uma parede.

«O Irmão Donald Moncata, sua esposa e seus dez filhos foram enterrados vivos sob os escombros da sua casa. Puseram-se a lutar para sair das ruínas; conseguiram-no e os doze membros da família foram salvos.

«Sim, Deus foi extremamente bom!»

O Pastor Aeschlimann apresenta a seguir os seus agradecimentos.

De O Vínculo

Breves Notícias

da divisão Euro - Africana

★ Em Turim, milhares de pessoas assistiram ao Plano de Cinco Dias para Deixar de Fumar, dirigido por Arturo Schmidt, evangelista da Divisão Euro-Africana, e por Domenico Visigalli, secretário da Associação Ministerial da União Sul-Europeia.

★ Os estudantes adventistas que frequentam a Universidade de Montpellier, em França experimentaram um novo método de evangelismo. Como maneira de testemunhar a sua fé em Deus e o seu amor por Ele, os estudantes preparam um programa de cânticos de tipo folclórico, cada um deles dando uma mensagem directa. Certos cânticos e instrumentos musicos não foram usados, a fim de dar ênfase à mensagem. Marcel Henocq, um bem conhecido artista de Dieppe, uniu-se ao grupo, de 24 de Fevereiro a 3 de Março, para os programas que se realizaram em Marselha, Lunel, Sète e Montpellier.

Um as 350 pessoas ouviram os concertos, entre os quais dois padres, um pastor e um bom número de jovens. Trinta jovens inscreveram-se no Curso Bíblico por Correspondência. Ambos os padres e o pastor protestante convidaram o grupo adventista do sétimo dia a apresentar o programa em suas igrejas. Aos jovens foram também dados seis minutos de tempo na rádio e três minutos na televisão para apresentarem a sua mensagem.

Neste esforço o único desejo dos executantes era partilhar a sua própria experiência espiritual. Os que assistiam ouviam com reverência. Depois do concerto na Cidade Universitária um estudante observou: «É evidente que não estais executando para ostentação».

★ A Missão do Senegal relata que Rádio Niaguis está emitindo o programa da Voz da Esperança cada sexta-feira de manhã, às 7,15, e um programa educacional cada quinta-feira às 19,20. Muitas pessoas têm escrito para o escritório da Voz da Esperança expressando o seu apreço por essas emissões. Os nossos obreiros estão acompanhando esses interesses.

★ Na Missão de Israel, Frances Saliba, jovem ministro árabe, está trabalhando em Beit Jala, pequena localidade perto de Belém. Um as 50 crianças se reúnem regularmente no pequeno salão que eles alugaram. Em 4 de Março os pais foram convidados para uma reunião especial. O entusiasmo das crianças convenceu os pais de que eles também deviam estudar a Bíblia. Ajudando o Irmão Saliba está Salwa Ghneim, que ensina as criancinhas dos cinco aos dez anos de idade.

★ Durante 1972, as vendas totalizaram mais de 700 000\$00, para cinco colportores evangelistas: R. Käppeler, H. Maass e H. Kutzschbach, da Alemanha, e Yogi Bough e Antonio Catanzaro, da Suíça. Dos cinco, o que obteve maior êxito foi R. Käppeler com 815 000\$00.

★ Quatro pequenos livros — *Degraus da Vida Cristã, Três Horas de Vida, Este é o Fim!* e *Goze de uma Vida Sã e Feliz* — foram publicados em Espanha para serem vendidos ao preço atractivo de 100 pesetas cada um, a fim de despertar interesse no que os Adventistas do Sétimo Dia crêem. A primeira edição de 10 000 exemplares esgotou-se em poucas semanas; a segunda edição está quase pronta para distribuição.

★ Jean Kempf relata que o ministro da informação da República do Congo autorizou a venda da nossa literatura naquele país recentemente aberto à Mensagem. Claude Masson, secretário de publicações da União da África Equatorial, deslocou-se a Brazzaville para colocar o primeiro colporteur evangelista nesse importante trabalho.

★ Em 1972 o departamento de publicações da União de Angola encomendou 3400 exemplares de *O Conflito dos Séculos* para ser usado como livro de colportagem. No fim do ano os colportores tinham vendido 1400 exemplares.